TENSÃO NO CARIBE

Ataque dos EUA a barco do narcotráfico mata 11

Presidente Donald Trump anuncia que embarcação do cartel Tren de Aragua foi destruída durante bombardeio em águas internacionais. Frota americana se aproxima da costa da Venezuela para coibir o contrabando de drogas pelo mar

» RODRIGO CRAVEIRO

"Nos últimos minutos, literalmente disparamos contra um barco que transportava drogas. Havia muita droga nesse barco. Vocês o verão e lerão sobre ele. Ocorreu há alguns minutos", declarou o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em um pronunciamento à imprensa, depois de seis dias — o que causou uma série de rumores sobre sua saúde na redes sociais. Mais tarde, Trump anunciou que o "ataque cinético" visou o grupo Tren de Aragua em águas internacionais. "O ataque resultou em 11 terroristas mortos em ação".

Pouco depois de publicar na rede social X um desenho de fumaça e fogo, o secretário de Estado americano, Marco Rubio, também confirmou o incidente. "Os militares dos EUA conduziram um ataque letal no sul do Caribe contra um barco de drogas que tinha partido da Venezuela e era operado por uma organização narcoterrorista", disse o chefe da diplomacia de Washington. "O presidente Donald Trump deixou muito claro que vai utilizar todo o poder dos Estados Unidos, para enfrentar e erradicar esses cartéis de drogas, não importa de onde operem."

Antes do discurso de Trump, o ministro da Defesa venezuelano, Vladimir Padrino López, qualificou de "absurdo" o patrulhamento do sul do Mar do Caribe por oito destróieres americanos. "Isso é como eu pegar minha artilharia estratégica, que tem foguetes, granadas e obuses para matar ou aniquilar uma gangue de ladrões de carros. (...) Não se combate o narcotráfico com destróieres nem com mísseis, a narrativa deles é absurda."

Provas

General de brigada venezuelano e ex-presidente da estatal venezuelana PDVSA, Guaicaipuro Lameda afirmou ao **Correio** que, sob o ponto de vista militar, o ataque americano demonstra a intenção dos Estados Unidos de interromperem as operações do narcotráfico que partirem da costa da Venezuela. "Os EUA querem mostrar ao mundo que buscam proteger o legítimo interesse pela vida de seus cidadãos. Além disso, Trump disse que tem provas contundentes de que o governo da Venezuela é exercido, de modo ilegítimo, pelo chefe de uma organização criminosa encarregada do narcotráfico e do terrorismo. O ataque de hoje (ontem) envia ao presidente da Venezuela, Nicolás Maduro, uma mensagem adicional", explicou.

Para Jose Vicente Carrasquero Aumaitre, professor de ciência política da Universidad Simón Bolívar (em Caracas), era apenas questão de tempo um incidente do tipo. "Não existiria uma mobilização militar dessa magnitude se não houvesse uma ação rápida. Ante uma mobilização tão cara e complicada, era preciso mostrar à opinião pública os resultados", comentou, por telefone. "Isso é uma demonstração das ações que serão tomadas pelas Forças Armadas dos Estados Unidos na região."

Antonio Rivero, ex-diretor da Proteção Civil da Venezuela e general reformado, avalia que o incidente aumenta a tensão entre os dois países. "É um fato notório, com 11 pessoas mortas. Era uma embarcação pequena, com três ou quatro motores, usada para o rápido transporte de drogas. Precisamos aguardar a resposta do usurpador da Venezuela, Nicolás Maduro. A escalada de tensão está presente e cobra uma maior atenção em relação ao risco de um confronto maior", advertiu ao **Correio**.

Martin Bernetti/AFP

O destróier USS Sampson atracado na Cidade do Panamá: embarcação integra força dos EUA no Caribe, que conta com 4 mil homens

Departamento da Defesa dos EUA

Imagem de vídeo divulgada pelo Pentágono mostra barco dos traficantes sob mira dos mísseis

Departamento da Defesa dos EUA

Pouco depois, a embarcação é atingida, explode e se incendeia: primeira ofensiva bélica na região

» Boatos sobre saúde em pauta

Donald Trump descartou os rumores que circularam nas redes sociais sobre sua saúde como "notícias falsas". "Não vi isso", disse o republicano de 79 anos quando um jornalista comentou sobre a especulação generalizada nas redes sociais, incluindo o X, de que ele estaria com problemas de saúde. Após vários dias sem aparecer diante da imprensa, alguns usuários chegaram até a sugerir que o mandatário havia morrido. "São notícias falsas", acrescentou Trump, que costuma se gabar de ter uma saúde de ferro. Em julho, a Casa Branca afirmou que hematomas na mão direita de Trump se deviam a uma "irritação" causada pelos "frequentes apertos de mão" e ao uso de aspirina como parte de um tratamento cardiovascular. Também indicou que suas pernas estavam inchadas devido a uma insuficiência venosa crônica.

Foco nos crimes em Chicago

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, prometeu resolver rapidamente "o problema da criminalidade" em Chicago, cidade que classificou como "a mais perigosa do mundo, de longe". "Vou resolver o problema da criminalidade rapidamente, como fiz em (Washington) D.C.", disse o republicano, referindo-se ao envio de reservistas da Guarda Nacional para as ruas da capital. "Chicago é a pior e a cidade de mais perigosa do mundo, de longe", acrescentou.

Depois de sua incursão em Los Angeles, em junho, e em Washington em meados de agosto, a administração do republicano ameaçou enviar agentes federais da polícia e da Guarda Nacional para outras grandes cidades de maioria democrata, como Chicago, Nova York, Baltimore e Boston.

Os democratas alertaram no domingo sobre uma "invasão" de militares em Chicago, tradicional bastião democrata. O governador democrata de Illinois, JB Pritzker, opositor ao presidente republicano ao qual havia chamado de "ditador", acusou Trump de colocar em risco as eleições legislativas de meio de mandato de 2026 com esta mobilização.

"Pritzker precisa desesperadamente de ajuda, só que ainda não sabe disso", escreveu Trump, ontem, em sua rede Truth Social. O presidente mencionou números de criminalidade em Chicago, a terceira maior cidade dos EUA, segundo os quais 54 pessoas foram baleadas no último fim de semana prolongado, deixando oito mortos. Os dois fins de semana anteriores registraram estatísticas similares, segundo a publicação do mandatário. "Chicago estará segura e em breve", afirmou, acrescentando uma publicação provocativa em letras maiúsculas: "Chicago é a capital mundial do assassinato!".

TERREMOTO NO AFEGANISTÃO

Mortos passam de 1.400 e Talibã clama por ajuda

O movimento fundamentalista islâmico Talibã, que governa o Afeganistão desde 2021, pediu a ajuda da comunidade internacional na resposta ao terremoto de magnitude 6 graus na escala Richter (raramente chega a 9) de domingo passado. Até a noite de ontem, o número de mortos passava de 1.400 — ao menos 3.000 pessoas ficaram feridas. Um novo abalo, de 5,2 graus, sacudiu a região, na província de Kunar (leste).

"Essas réplicas são frequentes, mas ainda não causaram nenhuma vítima", declarou Ehsuanullah Ehsan, porta-voz de gestão de desastres em Kunar. "Nós precisamos de ajuda, porque muitas pessoas aqui perderam suas vidas e suas casas", declarou Sharafat Zaman, porta-voz do Ministério da Saúde do Afeganistão.

"A necessidade urgente inclui comida, água potável, medicamentos, barracas e hospitais de campanha", admitiu ao **Correio** Mohammed Suhail Shaheen, chefe do Escritório Político do Talibã no Catar. "As organizações de ajuda humanitária podem enviar doações, por via aérea, depois de contato com o Comitê de Coordenação de Resposta ao Terremoto, estabelecida recentemente." Questionado se há resistência de parte da comunidade internacional em atender ao pedido do Talibã, por não concordar com o regime, Shaheen respondeu: "Não percebi isso".

Ativista social em Asadabad, na província de Kunar, Tahzeebullah Muhazeb, 33 anos, contou à reportagem que a região ainda sofre com as réplicas do terremoto de domingo. O tempo complica os trabalhos de buscas por sobreviventes. "Por volta das 3h de hoje (ontem), choveu. Muitas pessoas dos vilarejos de Aret, Shumash e Mama Gul, no distrito de Nurgal, seguem sob os escombros. Moradores tentam arrumar comida e medicamentos, além de somar esforços para retirar os mortos dos destroços, abrir sepulturas e realizar os enterros", explicou.

De acordo com Muhazeb, o abalo principal e as réplicas destruíram 5.412 casas. "Era quase zero hora de segunda-feira. Nossa família dormia, quando, de repente, ocorreu o terremoto. Corremos para fora de nossa casa, aos gritos. Crianças e mulheres também gritavam. Poucas horas depois, vimos que as casas de muitas pessoas vieram abaixo, foram completamente arruinadas. Havia muitos mortos e feridos", acrescentou.

Wakil Kohsar/AFP

Afegãos carregam corpos de crianças no vilarejo de Mazar Dara

Letalidade

O geólogo afegão Zakeria Shnizai, especialista da Universidade de Oxford, explicou ao **Correio** que o impacto do terremoto no Afeganistão foi amplificado pelos densos assentamentos populacionais próximos. "Além disso, as casas foram construídas com adobe e tijolos de barro sem reforço, o terreno é montanhosa e a infraestrutura, frágil", comentou. Segundo o estudioso, o Afeganistão possui um gerenciamento de desastres limitado, sistemas de alerta precoce, baixa conscientização pública e instabilidade política crônica. "Tudo isso aumenta ainda mais a vulnerabilidade. Ao longo dos últimos 25 anos, os terremotos mataram mais de 20 mil pessoas, demonstrando por que mesmo eventos moderados podem desencadear crises catastróficas", disse Shnizai.

Analista sísmico do Serviço Geológico dos Estados Unidos (USGS), Rafael Abreu Paris esclareceu à reportagem que a característica do tremor tornou-o letal. "Ter um terremoto muito raso significa estar mais próximo da superfície. Portanto, mais energia sísmica, especialmente ondas superficiais, afeta áreas povoadas. Abalos ainda menores podem causar danos significativos se forem superficiais", observou. Ele citou a vulnerabilidade da infraestrutura nas áreas afetadas. "A maior concentração de vítimas e de danos ocorreu em áreas rurais, onde a maioria das casas é de barro e pedra. A infraestrutura mais frágil, controlada por fatores socioeconômicos, gerará mais mortes e danoso." (**Rodrigo Craveiro**)